

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
CAMPUS LITORAL NORTE  
DEPARTAMENTO INTERDISCIPLINAR  
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

PAULO ROBERTO DIAS CORDEIRO

**A FÉ NOS SEGUIDORES DA UMBANDA**

Tramandaí  
2023

PAULO ROBERTO DIAS CORDEIRO

**A FÉ NOS SEGUIDORES DA UMBANDA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> D.ra Marlise Amália Reinehr Dal Forno

Coorientadora: Prof<sup>a</sup> Ma. Yara Paulina Cerpa Aranda

Tramandaí

2023

#### CIP - Catalogação na Publicação

Cordeiro, Paulo Roberto Dias  
A Fé nos seguidores da Umbanda / Paulo Roberto Dias  
Cordeiro. -- 2023.  
45 f.  
Orientador: Marlise Amália Reinehr Dal Forno.

Coorientador: Yara Paulina Cerpa Aranda.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Licenciatura em  
Ciências Sociais, Porto Alegre, BR-RS, 2023.

1. Fé. 2. Caboclo das Sete Encruzilhadas. 3.  
Orixás. 4. Umbanda . I. Dal Forno, Marlise Amália  
Reinehr, orient. II. Aranda, Yara Paulina Cerpa,  
coorient. III. Título.

PAULO ROBERTO DIAS CORDEIRO

## A FÉ NOS SEGUIDORES DA UMBANDA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do grau de Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> D.ra Marlise Amália Reinehr Dal Forno

Coorientadora: Prof<sup>a</sup> Ma. Yara Paulina Cerpa Aranda

Data de aprovação: 27 de janeiro de 2023

Banca Examinadora

---

Prof<sup>a</sup>. D.ra Marlise Amália Reinehr Dal Forno  
UFRGS

---

Prof. Dr. Olavo Ramalho Marques  
UFRGS

---

Prof<sup>a</sup>. Ma. Natana Alvina Botezine  
UFRGS

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, nosso Pai maior, pela minha vida e por ter um família linda e unida, compreensiva, que sempre me incentivou na realização dos meus sonhos.

À minha esposa que é incansável ao meu lado, me incentivando a tornar realidade meus objetivos.

Aos meus filhos e netos por serem meu caminho nesta jornada, compreendendo minha ausência em vários momentos.

A todos os professores que de uma forma ou de outra contribuíram para a minha formação em mais essa etapa.

Aos colegas de Curso, pela grande união desse grupo.

A todos,

meu Muito Obrigado!

## RESUMO

O presente trabalho tem como tema “A fé nos seguidores da Umbanda” e tem como objetivo principal, **analisar a forma como se processa a fé nas pessoas que seguem a prática e filosofia umbandista**. Como objetivos específicos, tem-se: conhecer a prática e a filosofia da Umbanda; formar uma consciência da Umbanda e verificar a extensão da fé nas pessoas umbandistas. A escolha do tema deve-se ao grande número de adeptos da religião e justifica-se o mesmo pelo fato das pessoas cotidianamente afirmarem a sua fé nos Orixás e nos rituais umbandistas. Embora a religião Umbanda seja vastamente rica para se efetuar e aprofundar os estudos, nosso objetivo – A fé nesta religião – foi alcançado, pois além de conhecimentos proporcionados pelo estudo como o que é a Umbanda, seu histórico, características, princípios e fundamentos, também nos foi permitido enriquecer os conhecimentos sobre religiosidade e fé, considerando, ao término do trabalho, que a fé nos umbandistas é inquestionável e inabalável, seguindo os preceitos e fundamentos desde a sua criação.

**Palavras-chave:** Fé. Caboclo das Sete Encruzilhadas. Orixás. Umbanda.

## ABSTRACT

The present work has as its theme "Faith in the followers of Umbanda" and its main objective is to **analyze the way in which faith is processed in people who follow Umbanda practice and philosophy**. As specific objectives, there are: to know the practice and philosophy of Umbanda; form an awareness of Umbanda and verify the extent of faith in Umbanda people. The choice of theme is due to the large number of followers of the religion and is justified by the fact that people affirm their faith in the Orixás and in Umbanda rituals on a daily basis. Although the Umbanda religion is vastly rich to carry out and deepen studies, our objective - Faith in this religion - was achieved, because in addition to the knowledge provided by the study such as what Umbanda is, its history, characteristics, principles and foundations, it also we were allowed to enrich the knowledge about religiosity and faith, considering, at the end of the work, that the faith in umbanda practitioners is unquestionable and unshakable, following the precepts and fundamentals since its creation.

**Keywords:** Faith. Caboclo das Sete Encruzilhadas. Orixás. Umbanda.

## ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Denúncias de intolerância religiosa no Brasil – Dados do primeiro semestre (janeiro a junho) de cada ano.....	14
Figura 2: Nos casos identificados, ataques a religiões de matriz africana são as mais numerosas.....	15
Figura 3: Percentual da religião Católica Apostólica Romana.....	20
Figura 4: Percentual das religiões Evangélicas.....	21
Figura 5: Percentual sem religião.....	22
Figura 6: Percentual da Umbanda.....	23

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	8
2 RELIGIÃO E HISTÓRICO DA UMBANDA .....	11
2.1 RELIGIÃO .....	11
2.2 RACISMO RELIGIOSO .....	15
2.3 HISTÓRICO DA UMBANDA .....	17
3 CARACTERÍSTICAS DA RELIGIÃO UMBANDA .....	24
3.1 ETIMOLOGIA DA PALAVRA UMBANDA.....	24
3.2 PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS.....	24
3.3 DIFERENÇA ENTRE UMBANDA, CANDOMBLÉ E KARDECISMO.....	25
3.4 ORIXÁS E RITUAIS .....	26
3.5 DECLARAÇÕES DE CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS.....	33
4 A FÉ .....	36
4.1 A FÉ NA UMBANDA .....	37
4.2 A FÉ NA VISÃO DOS UMBANDISTAS.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	41
REFERÊNCIAS.....	43

## 1 INTRODUÇÃO

De acordo com a Constituição da República Federativa do Brasil de 1988, no seu artigo 19, inciso I: *É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios: I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público; [...], ou seja, o Brasil é um país laico, onde igreja e Estado estão oficialmente separados e as pessoas livres para exercer a prática religiosa que melhor lhes convier. Sabe-se que a religião no país é bastante diversificada e chama a atenção ao número de umbandistas no Brasil, que segundo o Censo de 2010 era aproximadamente 500 mil pessoas, número que deve ter aumentado depois de uma década.*

Lembra-se que muitos umbandistas não declaram publicamente o seu envolvimento com a Umbanda, fato que pode ocorrer por vergonha ou medo, devido a intolerância religiosa nos tempos atuais.

Por se constituir numa prática que sempre me chamou a atenção e por ter conhecimento de um número relevante de “terreiros” de umbanda, o tema deste trabalho é “A fé nos seguidores da Umbanda”. O objetivo principal é **analisar a forma como se processa a fé nas pessoas que seguem a prática e filosofia umbadista**. Como objetivos específicos tem-se: **Conhecer a prática e filosofia da umbanda; entender a consciência de umbanda e verificar a extensão da fé nas pessoas umbandistas**.

O referido trabalho constitui-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo narrativa, exploratória, com abordagem qualitativa dos dados. Esse tipo de método que tem fundamento teórico, além de permitir desvelar processos sociais ainda pouco conhecidos referentes a grupos particulares, propicia a construção de novas abordagens, revisão e criação de novos conceitos e categorias durante a investigação (MINAYO, 2016).

A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora quase todos os estudos sejam exigidos algum tipo de trabalho dessa natureza, a pesquisa é desenvolvida exclusivamente a partir de fontes bibliográficas. A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma

gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente (GIL, 2010).

Para a coleta de dados foi realizada leitura exploratória rápida de todo material selecionado, com o objetivo de verificar se a obra consultada é de interesse para o trabalho. Após a leitura, foi realizada análise mais aprofundada, selecionando-se as partes de relevância para o estudo. Finalmente, foram registradas as informações extraídas das fontes, as quais integrarão a revisão bibliográfica do Trabalho de Conclusão de Curso. Através de um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), dois médiuns do município de Santa Maria, do Estado do Rio Grande do Sul, deram a sua contribuição ao tema, o qual foi concedido de forma oral, registrado em áudio e com seus nomes ocultados, atendendo a solicitação dos mesmos. Após, os dados foram analisados para posterior conclusão do trabalho.

Justifica-se a escolha do tema devido ao atual momento planetário onde, nos dois anos de pandemia<sup>1</sup>, muitas pessoas temerosas da doença, invocavam a Deus pedindo proteção a sua saúde. O clamor e as orações chegaram aos líderes umbandistas, que adotaram vídeo chamadas e lives para orientar seus seguidores, que segundo o Datafolha (2021)<sup>2</sup>, abrangem cerca de 5 milhões de brasileiros.

O que me motivou a este tema foi devido ao momento da pandemia, onde todos estavam recolhidos em suas casas e procuravam uma força divina para achar uma saída para se salvar da doença fatal, onde várias pessoas pediam socorro nas portas das casas dos umbandistas. Com isto eu vi a chance de escrever alguma coisa sobre o tema, que estava vivenciando naquele momento. São as percepções de um umbandista, estudante e pesquisador deste tema. O desespero era tanto, que qualquer palavra de conforto era a cura para as pessoas. Os guias tranquilizavam e acreditavam que com fé, tudo ia passar. Foi uma busca com muita fé, transmitida pelo Protetor ao acreditar que tudo ia dar certo, que tínhamos que ter fé, muita fé.

Sem fé em Deus não poderíamos passar por momentos difíceis. E assim pensei se eu realmente tinha fé. Respondi: minha fé vem do coração e para que eu mereça

---

<sup>1</sup> Tedros Adhanom, diretor geral da Organização Mundial de Saúde (OMS), declarou em 11 de março de 2020, que a Organização elevou o estado da contaminação à pandemia de Covid-19, doença causada pelo novo Coronavírus (Sars-Cov-2).

Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus> Acesso em: 12 jan. 2022.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 08 nov. 2022.

alguma coisa eu preciso perdoar. Perdoar o que? Perdoar tudo. O que eu fiz de errado e o que fizeram para minha pessoa.

E foi assim que algumas pessoas começaram a se questionar sobre o que fizemos ou podemos fazer. A fé para mim é maior que tudo, porque fé significa você acreditar que Deus pode tudo. Só Deus pode te tirar a vida e te dar tudo o que você tem. A vida é nossa fortuna. Nunca falta comida e água para quem tem fé.

Acredita-se que a fé inabalável, no momento de crise ou desespero, traz a resolutividade, não só quando se trata da saúde, como foi o caso na pandemia, mas também nos momentos em que as pessoas vivenciam outras dificuldades.

Desta forma, o trabalho está assim estruturado: Inicia-se com a Introdução; no segundo capítulo aborda-se sobre a religião e histórico da Umbanda; no terceiro, apresenta-se sobre as características da religião Umbanda; no quarto e último, fala-se sobre a fé e discute-se sobre a fé na Umbanda. Encerra-se com as Considerações Finais e as Referências utilizadas para elaboração do trabalho.

## 2 RELIGIÃO E HISTÓRICO DA UMBANDA

### 2.1 RELIGIÃO

Para uma melhor compreensão do tema em questão e do histórico da Umbanda, é oportuno discorrer, mesmo que breve, sobre o que é religião.

Segundo Bachler (1995), o termo “religião” vem do latim *religare* e significa “algo que liga o ser humano ao sagrado”. A religião é uma das dimensões da cultura, consistindo em um sistema de símbolos que propiciam intensas motivações aos indivíduos. Sua existência social tem por base a vontade de crer das pessoas e a construção de uma manifestação coletiva vinda dessa crença. Conforme o autor, a religião nunca deixou de estar presente na sociedade.

Conforme Ribeiro e Minayo (2014), entende-se por religião um sistema de crenças que estabelece as relações dos grupos sociais com um ser transcendente. Segundo as autoras, as religiões são compostas por narrativas históricas, símbolos e tradições que se destinam a dar sentido à vida, a explicar sua origem e a do universo, tendo a palavra um aspecto público.

Corroboram as autoras que a maioria das instituições religiosas têm comportamentos organizados, incluindo hierarquias clericais, definição do que constitui adesão ou filiação, congregações de leigos, reuniões regulares, serviços para fins de veneração ou adoração de uma divindade, lugares de oração e escrituras sagradas a que têm acesso os praticantes. De cada religião costumam derivar códigos de moralidade, ética e leis que se diferenciam segundo as instituições (RIBEIRO; MINAYO, 2014).

Expõe Sousa (2020) que religião se refere a uma ligação do ser humano a Deus, por meio da dimensão espiritual motivada pela fé. Conforme o autor, a religião é importante e consiste em despertar a fé nas pessoas, para que, a partir dessa dimensão espiritual, o ser humano se liberte das amarras do pecado ou da maldade, que são os aspectos que impedem a presença de Deus na vida das pessoas.

Já Saraceni (2019) explica o que é religião de várias formas: entre elas, o autor diz que religião é estar em paz com Deus, com seus semelhantes e consigo mesmo, e extrair dela a força necessária para conviver com as dificuldades e superá-las. Enfatiza ainda que religião é o exercício da fé pela fé, do amor pelo amor e da

esperança pela esperança, sem que algo tenha que ser dado ou exigido em troca. Salienta que a Umbanda é uma religião nova, espiritualista e magista.

Durkheim (2003, *apud* WEISS, 2012) diz que religião é como um sistema compartilhado de rituais e crenças que define o que é sagrado e o que é profano e que une uma comunidade de religiosos. Segundo a autora, religião só pode ser definida em função das características que se encontram em toda parte onde houver religião.

O próprio Durkheim, refere Marchi (2005), conclui que “a religião é uma coisa eminentemente social. As representações religiosas são representações coletivas que exprimem realidades coletivas; os ritos são maneiras de agir que só surgem no interior de grupos coordenados e se destinam a suscitar, manter ou refazer alguns estados mentais desses grupos”. E, nesse sentido, coloca luz no conceito de sagrado, a partir do proposto por Gilberto Safra referindo-se a Durkheim:

o sagrado é o traço essencial dos fenômenos religiosos, trata-se de um sentido que se define pela oposição ao profano. Sagrado e profano fariam de dois mundos contrários, em torno dos quais gravita a vida religiosa. As coisas e seres sagrados, segundo ele, protegeriam o indivíduo e a comunidade das interdições, enquanto os seres e coisas profanas seriam os elementos submetidos às interdições, e só entrariam em contato com os primeiros através de ritos prescritos pela crença que sustenta essa divisão do mundo. O sagrado seria um anseio de potência, de uma energia que agiria sobre o profano. Este é um vértice no estudo da religiosidade que procura compreender a organização social, a partir de algumas categorias utilizadas como referenciais. (MARCHI, 2005, p. 38)

Este conceito é retomado por Marchi (2005), citando a resposta de Mircea Eliade, reconhecido cientista das religiões, em entrevista autobiográfica concedida a Claude Henri-Rocquet, quando perguntado: afinal, o que entende por sagrado?

Como delimitar o sagrado? É muito difícil. O que me parece inteiramente impossível, em todo o caso, é imaginar como o espírito humano poderia funcionar sem a convicção de que existe qualquer coisa de irredutivelmente real no mundo. É impossível imaginar como a consciência poderia aparecer sem conferir uma significação aos impulsos e às experiências do homem. A consciência de um mundo real e significativo está intimamente ligada à descoberta do sagrado. Pela experiência do sagrado, o espírito apreendeu a diferença entre o que se revela como real, poderoso, rico e significativo, e o que é desprovido dessas qualidades, a saber, o fluxo caótico e perigoso das coisas, as suas aparições e os seus desaparecimentos fortuitos e vazios de sentido. Mas é preciso ainda insistir sobre este ponto: o sagrado não é um estádio na história da consciência, é um elemento na estrutura desta consciência. Nos graus mais arcaicos de cultura,

viver enquanto ser humano é, em si, um ato religioso, pois a alimentação, a vida sexual e o trabalho têm um valor sacramental. A experiência do sagrado é inerente ao modo de ser do homem no mundo. Sem a experiência do real – e do que não o é –, o ser humano não saberia construir-se [...] O sagrado não implica a crença em Deus, nos deuses ou em espíritos. É, repito-o, a experiência de uma realidade e a fonte da consciência de se existir no mundo. (MARCHI, 2005, p. 44).

E, portanto, conclui Marchi (2005), o que se pode constatar é que o sagrado se constitui na expressão da relação constitutiva da consciência humana com o mundo que a envolve. O que está em causa na noção de sagrado é o próprio enraizamento da consciência no interior de um mundo que a transcende. Sagrado como “a experiência da realidade” que se oferece à consciência quando o homem se descobre como ser no mundo.

Assim, sagrado e religião estão amalgamados epistemicamente, mas também em seus sentidos: o sagrado, a partir de Weiss (2013), é algo cuja extensão vai muito além da própria religião, não podemos ignorar o fato de que existe uma conexão intrínseca entre ambos, uma vez que o tratamento mais sistemático dado ao conceito de sagrado serve, sobretudo, para ajudar a elucidar sua concepção de religião.

A religião abrange o sagrado e o profano, onde os símbolos representam a religião, sendo que o sagrado é o espaço, objeto símbolo que tem um significado para cada pessoa ou grupo e o profano tudo que não é sagrado, ou seja, o que descumpre as leis do sagrado. O sagrado propõe a força de unificação presente no ser humano e na sociedade religiosa.

É evidente que a expressão não é propriamente aplicável a uma entidade que não possa ser considerada de fato como um ‘ser vivo’, uma vez que a ontogênese consiste precisamente no processo de surgimento e desenvolvimento de um organismo, desde sua fecundação até o momento em que se torna um indivíduo desenvolvido por completo em sua composição orgânica. No entanto, acredito ser possível tomar a ideia de ontogênese como uma metáfora adequada de modo perfeito para nos referirmos ao processo que pretendo aqui descrever e explicar, isto é, não se trata apenas de identificar a gênese lógica ou temporal do sagrado, mas de compreender todos os passos de seu desenvolvimento, até tornar-se um elemento constitutivo e essencial da vida social (WEISS, 2013, p.158).

Segundo Bachler (1995), a difusão dos meios de comunicação favoreceu a expansão das religiões e até a multiplicação de manifestações religiosas: se antes a pregação era limitada pelo espaço físico, hoje a comunicação on-line rompe essas

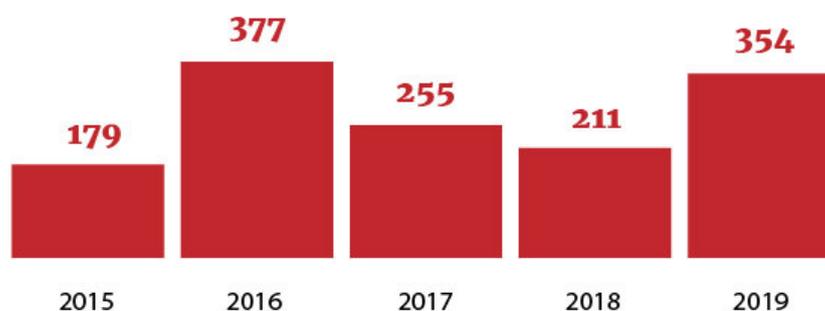
barreiras. Explica o autor que com o passar dos anos as religiões puderam diversificar seus meios de divulgação com emissoras de rádio e televisão, CDs, editoras, revistas, vídeos, objetos religiosos e lembranças, serviços de terapia e aconselhamento, imóveis e estruturas de marketing e que esses elementos, se caracterizam como atividades econômicas desenvolvidas pelas organizações religiosas para atingir públicos específicos de adeptos/clientes.

Verifica-se, nas últimas décadas do século XX, em meio aos avanços tecnológicos e científicos, à globalização e à disseminação mais intensa da informação, o crescimento de algumas religiões e o avanço do fundamentalismo religioso, corroborado pelo demonstrado nas Figuras 1 e 2, apresentadas a seguir.

Figura 1: Denúncias de intolerância religiosa no Brasil – Dados do primeiro semestre (janeiro a junho) de cada ano.

## ***Denúncias de intolerância religiosa no Brasil***

*Dados do 1º semestre (janeiro a junho) de cada ano.*



*Fonte: Balanço Disque 100 – Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos*

Fonte: BRASIL DE FATO (2019). Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/21/denuncias-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-56-no-brasil-em-2019>. Acesso em: 11 jan. 2023.

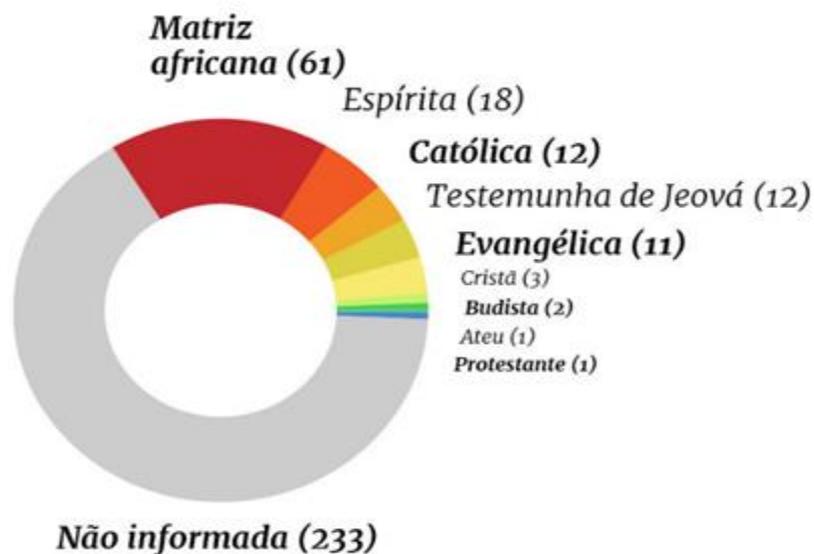
Observando-se o gráfico acima, pode-se identificar uma estabilidade nas denúncias de intolerância religiosa no Brasil, sendo que em 2015 foi o ano que ocorreu o menor número de intolerância e no ano de 2016 um aumento muito elevado sobre

o ano anterior. Nos anos posteriores de 2017 e 2018 ocorreu uma diminuição, mas em 2019 voltou a aumentar, onde muitas pessoas não aceitam algumas religiões, principalmente as de matriz africana.

Figura 2: Nos casos identificados, ataques a religiões de matriz africana são as mais numerosas.

## **Nos casos identificados, ataques a religiões de matriz africana são os mais numerosos**

Fonte: Balanço Disque 100 – Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos



Fonte: BRASIL DE FATO (2019). Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/21/denuncias-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-56-no-brasil-em-2019>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Neste gráfico pode-se observar que as religiões de matrizes africanas são as que mais foram atingidas com ataques, sendo vários os motivos dos mesmos.

## 2.2 RACISMO RELIGIOSO

O termo “racismo religioso” e suas implicações epistemológicas, apesar de defendido por alguns autores, ainda está em construção. No Brasil, de modo geral, o

termo “racismo religioso” tem sido caracterizado por preconceito e/ou ato de violência contra adeptos das religiões de matrizes africanas, que são os principais alvos de violência religiosa no país.

Segundo Almeida (2019), o racismo, por sua vez, inclui a dimensão do poder e é revelado através de diferenças globais na partilha e no acesso a recursos valorizados, tais como representação política, ações políticas, mídias, emprego, educação, habitação, saúde

Conforme Rocha (2022), quem defende o termo argumenta que, no caso das violências que atingem as religiões de origem africana no Brasil, o componente nuclear é o racismo. Nesse caso, parte-se do entendimento de que o objeto do racismo não é uma pessoa em particular, mas certa forma de existir. Um racismo que está, portanto, incidindo além do genótipo ou do fenótipo, mas na própria cultura (tradições de origem negro-africana).

Corroborando ainda Rocha (2022) que toda essa criminalização e perseguição são frutos de um sistema capitalista, produtor de uma ordem social eurocentrada, que está legitimada em diversas esferas. Assim, fiéis da religião cristã estão mais protegidos da violência por motivações religiosas, por serem adeptos de uma fé hegemônica, que não sofre opressão histórica em virtude do racismo e da colonização como as religiões de matriz africana.

A Umbanda, ao longo de sua criação, encontrou no decorrer do seu desenvolvimento e crescimento constantes desafios, sendo alvos de ataques das mais diversas formas, tendo seus cultos perseguidos, suas práticas religiosas criminalizadas, reflexos de um regime escravocrata que ainda persiste nos tempos atuais. Um histórico de luta pela existência, esta, marcada por preconceitos e discriminações, a não aceitação do diferente, da cultura negra africana.

É comum e perceptível há alguns anos muitos casos de racismo religioso contra as religiões de matriz africana, casos estes denunciados nos órgãos competentes e compartilhados nas redes sociais da internet e nas mídias de forma geral. Com isso, compreende-se que o racismo religioso condena a origem, a existência, a relação entre uma crença e uma origem preta. O racismo não incide somente sobre pretos e pretas praticantes dessas religiões, mas sobre as origens da religião, sobre práticas, sobre crenças e sobre os rituais. Trata-se da alteridade condenada à não existência. Uma vez fora dos padrões hegemônicos, um conjunto de práticas culturais, valores civilizatórios e crenças não pode existir, ou pode, desde que a ideia de oposição

semântica a uma cultura eleita como padrão, regular e normal seja reiteradamente fortalecida (NOGUEIRA, 2020).

Nesse contexto, corrobora Almeida (2019, p. 38):

O racismo é uma decorrência da própria estrutura social, ou seja, do modo 'normal' com que se constituem as relações políticas, econômicas, jurídicas e até familiares, não sendo uma patologia social e nem um desarranjo institucional. O racismo é estrutural. Comportamentos individuais e processos institucionais são derivados de uma sociedade cujo racismo é regra e não exceção.

Um dos pilares que sustentam a ocorrência de práticas intolerantes na Umbanda é a falta de conhecimento, assim, se faz necessário a criação de políticas públicas que garantam assistência a esse segmento religioso, de forma a contribuir para amenização do problema, por meio de ações práticas que disseminem conhecimentos adequados sobre a cultura africana e as religiões afro-brasileiras.

### 2.3 HISTÓRICO DA UMBANDA

De acordo com Giumbelli (2002), a Umbanda se manifestou no Brasil em 1908, no Rio de Janeiro, no dia 15 de novembro, através do médium Zélio Fernandino de Moraes, que na época contava com apenas 17 anos, o qual foi levado a uma mesa espírita devido a um problema de saúde que os médicos não conseguiram curar. O autor ressalta que não houve consenso sobre se Zélio já chegou curado à reunião espírita ou se sua cura ocorreu durante os acontecimentos daquela noite, pois ele teria paralisia ou então sérias crises de epilepsia.

Foi nessa reunião espírita, que ainda segundo Giumbelli (2002), Zélio teria incorporado o espírito denominado Caboclo das Sete Encruzilhadas, o qual anunciou a criação da Umbanda.

Conforme Giumbelli (2002), os dirigentes da reunião espírita tentaram afastar o próprio Caboclo das Sete Encruzilhadas, quando então este avisou que, se não havia espaço ali para manifestação dos espíritos de negros e índios considerados atrasados, seria fundado por ele mesmo na noite seguinte, na casa de Zélio, um novo culto onde tais entidades poderiam exercer seus trabalhos espirituais e passar suas mensagens. Às 20 horas do dia seguinte, 16 de novembro de 1908, em meio a uma pequena multidão de amigos, parentes, curiosos e kardecistas incrédulos que se

aglomeravam na casa de Zélio, baixou novamente o caboclo referido e declarou que se iniciava a partir de então uma nova religião na qual pretos velhos e caboclos poderiam trabalhar. Determinou também que a prática da caridade seria a característica principal do culto; que este teria como base o Evangelho Cristão e como mestre maior Jesus; que o uniforme utilizado pelos médiuns deveria ser branco; que todos os atendimentos seriam gratuitos; e que a religião se chamaria umbanda. Além disso, fundou naquele dia aquela que, nesta narrativa, é descrita como a primeira tenda de umbanda da história, a Tenda Espírita Nossa Senhora da Piedade.

Ainda segundo Giumbelli (2002) dez anos depois da fundação da primeira Tenda, portanto em 1918, o Caboclo das Sete Encruzilhadas, que seguia trabalhando com Zélio, determinou a fundação de sete novos templos, os quais seriam os responsáveis pela difusão ampla da nova religião, todos tendo como prefixo Tenda Espírita. Assim foram disseminadas as Tendias Espíritas: Nossa Senhora da Guia, Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara, São Pedro, Oxalá, São Jorge e São Jerônimo.

A Umbanda, como culto organizado segundo os padrões atualmente predominantes, de acordo com Silva (2005), teve sua origem por volta das décadas de 1930 e 1940, quando Kardecistas de classe média, no Rio de Janeiro, São Paulo e Rio Grande do Sul, passaram a mesclar com suas práticas elementos das tradições religiosas afro-brasileiras, e a professar e defender essa “mistura”, com o objetivo de torná-la legitimamente aceita, com o *status* de uma nova religião. As origens afro-brasileiras da Umbanda, portanto, seguindo Silva (2005), remontam, assim, ao culto às entidades africanas, aos caboclos (espíritos ameríndios), aos santos do catolicismo popular e, finalmente, às outras entidades que a esse panteão foram sendo acrescentadas pela influência do kardecismo.

Segundo Ribeiro (2012), sincretismo é a fusão de diferentes doutrinas para a formação de uma nova, seja de caráter filosófico, cultural ou religioso e que mantém características típicas de todas as suas doutrinas-base, sejam rituais, superstições, processos, ideologias entre outros aspectos. Este processo está fortemente ligado às relações de comunicação que se estabelecem em grupos variados, o que resulta em um confronto de diferentes culturas, costumes e tradições. Quando se oportuniza o contato entre estes grupos, passa a existir adaptações nos vários campos culturais e assim um grupo acaba absorvendo o conjunto de crenças do outro.

Conforme Ribeiro (2012), no Brasil, o sincretismo religioso é um fenômeno social complexo, pois ele se desenvolve a partir da chegada dos portugueses ao país, com o contato dos diversos povos que aqui se encontraram. O que conhecemos como sincretismo religioso nada mais é que uma mistura de uma ou mais crenças religiosas traduzidas em uma única doutrina, e este nasce do contanto direto ou indireto de credences e costumes. O autor define o processo como sendo qualquer prática religiosa que provém da fusão de outras e ainda, ratifica que o sincretismo religioso tem suas maiores expressões no Brasil por uma simples questão histórica, que se dá pela colonização e formação do povo brasileiro, que teve a influência de muitas misturas de povos com suas diversas culturas.

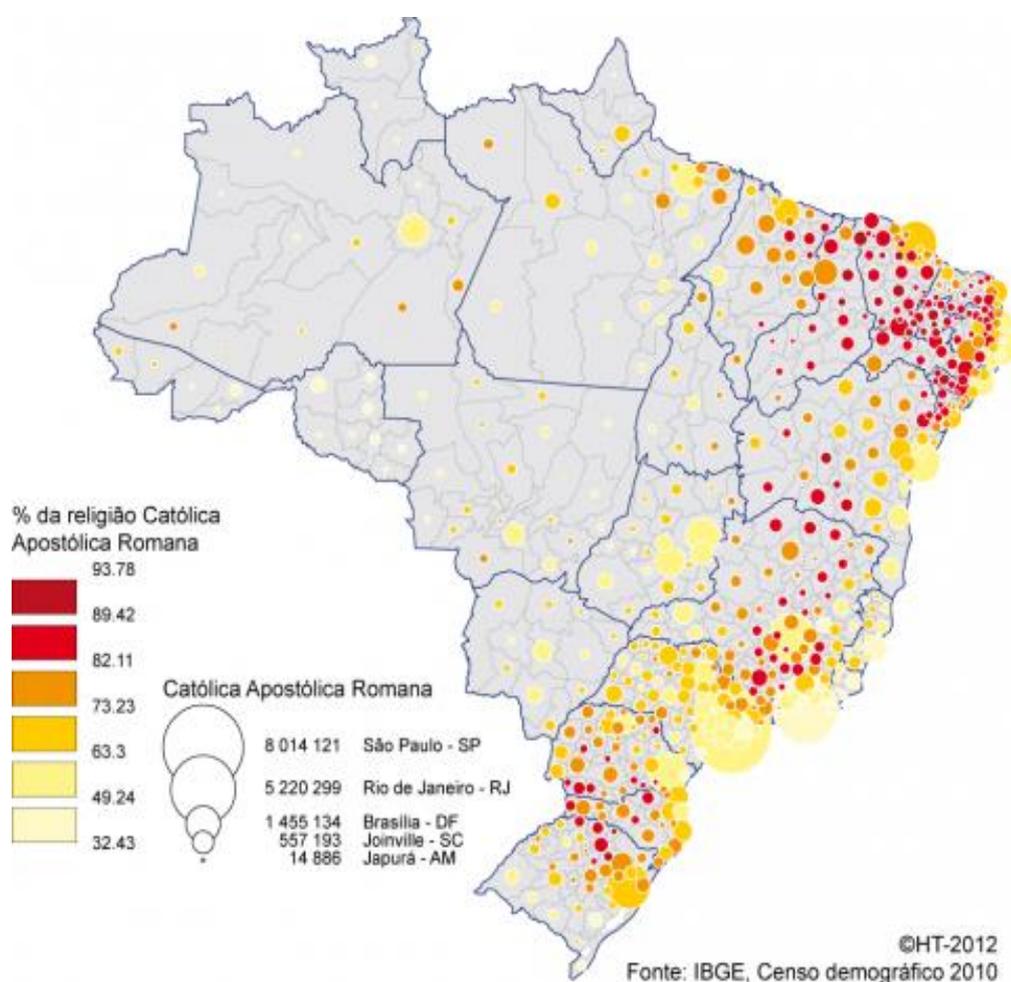
Observa e conclui Silva (2005), que a história do desenvolvimento das religiões afro-brasileiras, reproduz o processo de contato entre os grupos raciais e sociais formadores da sociedade brasileira. Desenvolvimento esse marcado por movimentos de dominação e resistência, que repercutem no plano religiosos as imposições, contradições e aproximações existentes nas aproximações entre negros, brancos e índios: um processo contínuo de negociação entre os seus praticantes e a própria lógica dos sistemas religiosos que entraram em contato. Foi pela ação da classe média branca e depois dos segmentos mais baixos da população (negros e mulatos) que a Umbanda procurou refazer o Brasil passando pela África, porém depurando-a. E argumenta:

Um Brasil onde as mazelas de nosso passado e presente pudessem ser dirimidas ou recompensadas através da confraternização numa nova ordem mítica, na qual índios, negros, pobres, prostitutas e malandros pudessem retornar como espíritos, seja como heróis que souberam superar as privações e opressões que sofreram em vida, seja como categorias que, ao menos pela evolução espiritual, mantêm viva a esperança de ocupar espaços de prestígio que a ordem social sempre lhes negou (SILVA, 2005, p. 133).

O Censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), realizado no Brasil, em 2010, apontou mais de 407 mil pessoas praticantes da Umbanda. Para adensar essa informação, vale-se do trabalho de Somain (2012), das seções onde trata das Religiões Principais (Figuras 3, 4 e 5), e das Geografias Diferenciadas (Figura 6), por sua análise: “A Umbanda está presente, junto com o Candomblé, no Rio de Janeiro, mas o seu foco principal é o Rio Grande do Sul, na capital e na parte meridional do Estado”. Somain inicia:

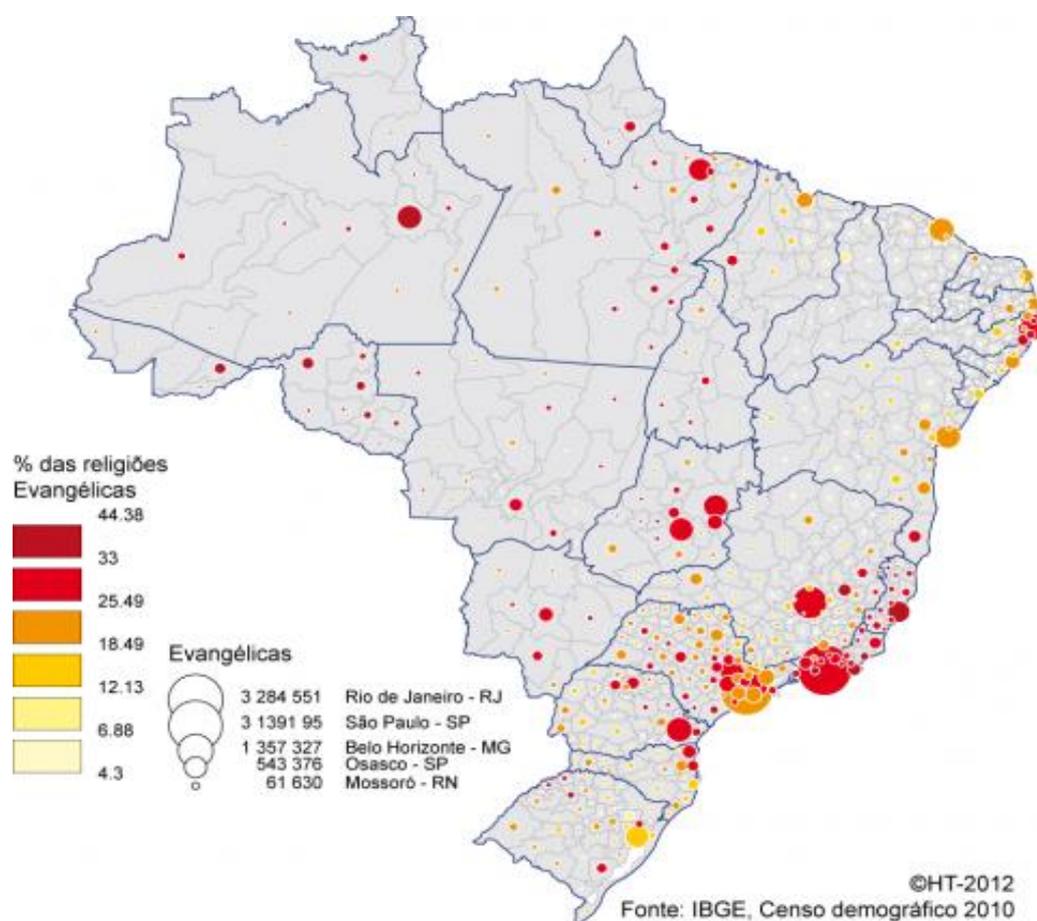
O IBGE publicou no dia 29 de junho 2012 os dados do Censo Demográfico 2010 sobre religiões (dados da amostra). A sua Comunicação Social comentando os resultados, mostrou, entre outros aspectos a nítida evolução que ocorreu desde o último censo, em 2000, a principal sendo o declínio da Igreja Católica e o crescimento das religiões evangélicas e do número de pessoas que se declaram sem religião. Alguns mapas foram apresentados, mas os dados são tão ricos que a sua dimensão territorial – a distribuição das religiões no país – pode ser aprofundada. Os mapas abaixo foram elaborados a partir dos dados da tabela 1489 - População residente, por cor ou raça, segundo o sexo a religião (Resultados Gerais da Amostra), na escala das microrregiões (SOMAIN, 2012, p. 15).

Figura 3: Percentual da religião Católica Apostólica Romana



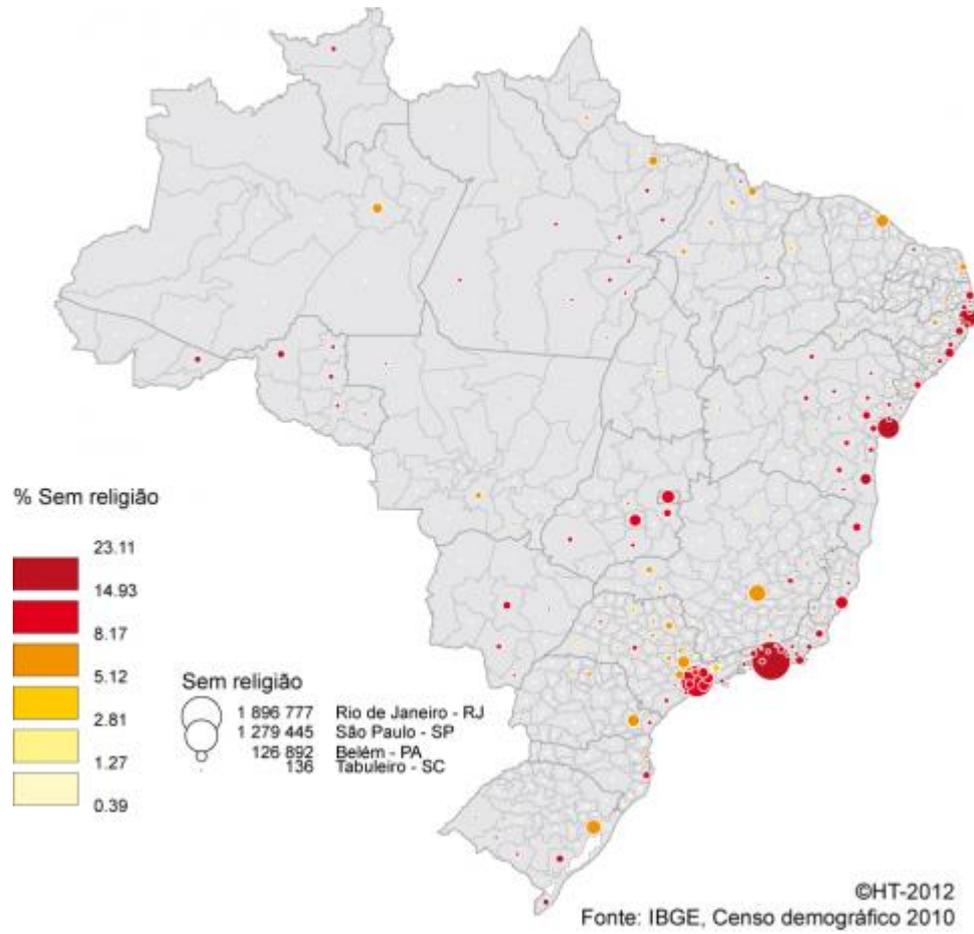
Fonte: SOMAIN, René. Religiões no Brasil em 2010. CONFINS, N. 15. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7785?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Figura 4: Percentual das religiões Evangélicas



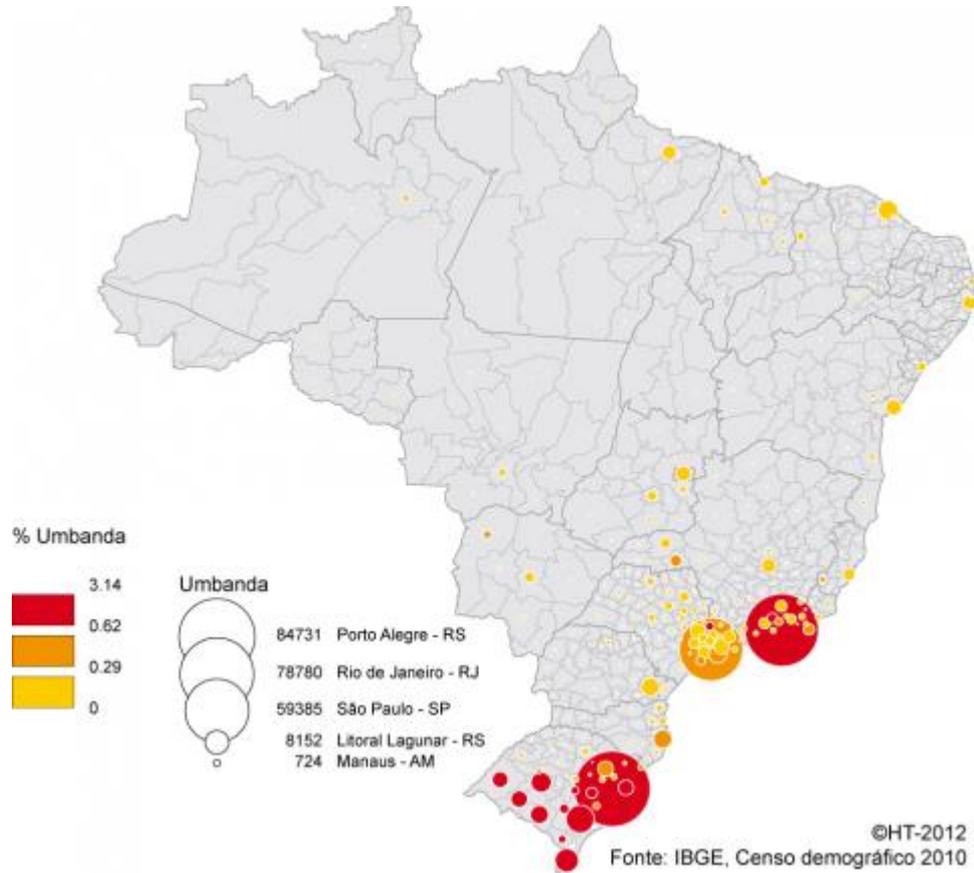
Fonte: SOMAIN, René. Religiões no Brasil em 2010. CONFINS, N. 15. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7785?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Figura 5: Percentual sem religião



Fonte: SOMAIN, René. Religiões no Brasil em 2010. CONFINS, N. 15. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7785?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2023.

Figura 6: Percentual da Umbanda



Fonte: SOMAIN, René. Religiões no Brasil em 2010. CONFINS, N. 15. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7785?lang=pt>. Acesso em: 11 jan. 2023.

### 3 CARACTERÍSTICAS DA RELIGIÃO UMBANDA

#### 3.1 ETIMOLOGIA DA PALAVRA UMBANDA

A etimologia da palavra Umbanda é atribuída, segundo Azevedo (2010), dos fonemas "*aum*" (a Divindade suprema), "*ban*" (conjunto ou sistema) e "*dan*" (regra ou lei), que se pode interpretar como "o conjunto das leis divinas". Não se sabe ao certo a origem dos morfemas que deram nome a religião, mas sabe-se que, na África, antes mesmo da colonização europeia já acontecia o culto aos antepassados, em terras bantas. Sem contar que a religião indígena também prestava culto aos antepassados. Desse modo há quem defenda tanto que a origem do nome é indígena, como quem defenda que sua origem é africana.

#### 3.2 PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS

Saraceni (2017) esclarece que toda religião tem na sua teologia os conhecimentos superiores que a define, que a amolda e a caracteriza, individualizando-a entre tantas outras religiões.

Weiss (2012) salienta Durkheim (2003, p. 19), o qual diz que as representações religiosas, ou seja, as crenças, caracterizam-se por impor um certo olhar que divide a realidade entre o sagrado e o profano. Para Durkheim, enquanto um modo de ação religiosa é concebido como regras que determinam como o homem deve se comportar com as coisas sagradas.

Conforme Saraceni (2017, p. 18), os fundamentos da Umbanda são:

- Aceleração da evolução do ser por meio de ensinamentos doutrinários, mediúnicos, religiosos e espiritualistas;
- Auxílio religioso e mágico;
- Culto aos Sagrados Orixás;
- Integração do ser às hierarquias divinas;
- Esgotamento e transmutação do carma do ser.

O autor supracitado deixa clara a sua opinião ao afirmar que a Umbanda oferece aos seus fieis tudo o que as outras religiões oferecem e até um pouco mais. Destaca que como "via evolutiva", reconduz às hierarquias naturais regidas pelos

orixás os seus filhos naturais que foram afastados de seus domínios, pois foram conduzidos para o estágio humano da evolução (SARACENI, 2017).

Via evolutiva, segundo o autor, é a busca de luz, leva a sua crença, caridade, sendo uma pessoa melhor tanto na Umbanda como em qualquer outra religião, como ser humano evoluindo para melhorar cada vez mais, pois vivemos num mundo de provas e aspirações tanto material como espiritual.

Bezerra (2022) relata que o principal fundamento e lei da Umbanda é a caridade, ou seja, fazer o bem sem ver a quem, seguida pelos outros mandamentos, os quais são fraternidade, amor ao próximo e o desenvolvimento espiritual e pessoal.

### 3.3 DIFERENÇA ENTRE UMBANDA, CANDOMBLÉ E KARDECISMO

Para dar sequência a esse estudo antes de discorrer sobre orixás e entidades e para melhor compreensão, é oportuno estabelecer, mesmo sem se aprofundar, a diferença entre Umbanda, Candomblé e Kardecismo.

Saraceni (2017) salienta que embora encontraremos na Umbanda aspectos do Candomblé e do Kardecismo, bem como de outras tantas religiões, a Umbanda não é Candomblé, nem Kardecismo. Na página 19, o autor afirma: “Candomblé é religião de culto aos orixás e Kardecismo é religião de trabalho com os espíritos, ambos calcados na Mediunidade”.

O autor explica que o fato comum entre Umbanda e Candomblé é a incorporação mediúnica e o culto aos orixás, estes renovados pela Umbanda. No que se refere às práticas e rituais, estes são diferentes. Enquanto na Umbanda as consultas são feitas através de espíritos de Caboclos, Pretos-Velhos, Baianos, Exus, etc., no Candomblé é através de “jogo de búzios” ou “Ifá”, sem a comunicação de espíritos. O Candomblé possui terra-mãe na África, sendo trazido ao Brasil pelos escravos (SARACENI, 2017).

O candomblé, conforme Araújo (2017), especificamente a palavra, tem origem banta, tendo como raiz o quimbundo *kiamdomb* ou quicongo *ndombe*, ambos significando “negro”. Esses termos tornaram-se sinônimo e referência genérica de diferentes expressões de religiosidade de matriz africana. A exceção é feita à Umbanda, que tem sua origem intensamente sincrética a situa em outra categoria de estudo e observação. A nomenclatura utilizada no Brasil, segundo o autor, ou seja, o

candomblé é o nome genérico com que se designam o culto aos orixás jeje-nagôs e algumas formas derivadas, manifestas em diversas nações.

Araújo (2017) ainda ressalta que a modalidade original do candomblé consiste em um sistema religioso autônomo e específico que ganhou forma e se desenvolveu no Brasil, a partir da Bahia, com base em diversas tradições religiosas de origem africana, notadamente da região do golfo da Guiné. Sobre as origens dos terreiros de candomblé no Brasil, Araújo (2017) explica-nos que, desde o período colonial, o país é marcado por várias formas de manifestações religiosas. Ainda de acordo com o autor, o batucajé, o calundu e o batuque são apenas alguns dos nomes que designavam as manifestações religiosas trazidas pelos negros e que eram realizadas em diversas senzalas espalhadas pelas grandes fazendas do território. No entanto, foi a partir do século XVIII que os terreiros de candomblé passaram a se manifestar. O crescimento dos centros urbanos favoreceu o encontro de muitos negros, que passaram a organizar experiências religiosas estáveis e regulares. E foi nesse contexto que, de acordo com Araújo (2017), o candomblé deu seus primeiros passos rumo à consolidação de uma experiência religiosa identificável.

Destaca ainda o autor que a diferença entre Umbanda e Kardecismo é que a Umbanda é um trabalho de regaste das religiões e tradições naturais, assentado na mediunidade e incorporação e com origem nos próprios orixás, denominados como “Forças de Deus na Natureza”, tendo nos seres encantados e nos espíritos sua manifestação mediúnica. Atua no campo da Magia e visa combater o mal que a muitos aflige, devido a magia negativa manipulada pelo baixo astral. O Kardecismo, de acordo com Saraceni (2017), nasceu na França com Allan Kardec e adquiriu notoriedade no Brasil com Chico Xavier. No Kardecismo, nas palavras do autor, existe todo um trabalho social voltado para a comunidade e, dentro do aspecto religioso, procura seguir a mensagem de Cristo, segundo a visão espírita.

### 3.4 ORIXÁS E RITUAIS

Saraceni (2019) descreve o orixá como um poder divino em si mesmo, realizando-se na vida dos seus cultuadores como uma energia viva e divina capaz de realizar ações abrangentes e modificadoras da vida do ser. Na página 33, o autor explica:

Orixá é o poder de Deus manifestado de forma 'personificada', em que um ente da natureza divina irradia continuamente esse poder que concentra em si e doa graciosamente a todos que, movidos pela fé, a ele recorrer religiosamente por meio de cantos e orações. (SARACENI, 2019, p. 33).

Verger (2009) salienta que o orixá é uma força pura, axé material que só se torna perceptível aos seres humanos incorporando-se em um deles.

Saraceni (2019) diz que muitos são os poderes de Deus e muitos são os orixás cultuados na Umbanda. O autor descreve que orixá antes de ser um ente divino, é um poder manifestado por Olorum, o nosso Divino Criador, e como são em si poderes de Olorum, podem e devem ser cultuados religiosamente, assim como podem ser oferecidos e ativados magisticamente em nosso benefício.

O autor informa que os orixás estão muito bem identificados e descritos na Teogonia e na Cosmogonia Yorubana ou Nagô (atual Nigéria), que tanto foi preservada quanto popularizada no Brasil, principalmente na Bahia, o berço dos orixás no Brasil.

Os orixás, cultuados tanto na umbanda quanto no candomblé, foram associados por adeptos dessas duas religiões aos santos católicos. Isso porque durante o Período Colonial, quando os primeiros africanos foram raptados e trazidos para terras brasileiras como escravos, a religião oficial da Colônia era o Catolicismo e qualquer ritual pagão era duramente coibido. Para cultuarem seus orixás, os africanos foram aprendendo a disfarçar seus rituais, criando um código onde cada orixá fosse representado por um ou mais santos do Catolicismo. Assim, Iemanjá, por exemplo, era representada por Nossa Senhora da Conceição; Xangô, por São João; Ogum, por São Jorge; Oxalá, por Jesus, etc.

De acordo com a umbanda, embora todos os orixás sejam importantes aos seguidores dessa religião, existem aqueles que são considerados mais importantes para cada indivíduo, porque uma entidade pode ser responsável por tal pessoa, que será conhecida como o seu "filho".

É comum, portanto, que os filhos dos orixás procurem agradá-los, para que, dessa forma, sejam abençoados. Para isso, contudo, não basta apenas viver de acordo com os ensinamentos e as expectativas dessa entidade; é preciso se esforçar um pouco mais. Nesse caso, entram em cena não somente as vestimentas com as cores dessas figuras que são comumente utilizadas pelos seguidores da umbanda,

mas também os cultos e as oferendas, que devem seguir certas regras que variam não somente entre cada um deles, mas também entre os próprios terreiros e vertentes.

Sendo assim, pode-se dizer que o culto aos orixás é feito de diversas formas. O importante é que tudo seja realizado de coração e, é claro, de acordo com os gostos de cada uma das entidades.

A seguir, apresenta-se o quadro do significado dos orixás mais populares do Brasil, de acordo com Verger (2009).

Quadro 1 – Quadro dos orixás

ORIXÁ	SIGNIFICADO
<b>Iemanjá</b>	Rainha do Mar, tem o seu axé assentado por pedras marinhas e conchas. No Brasil, ela é sincretizada com Nossa Senhora da Conceição sendo suas filhas voluntariosas, fortes, protetoras, maternais e altivas. No Rio Grande do Sul, na religião católica, é Nossa Senhora dos Navegantes, também chamada de Odojá.
<b>Oxóssi</b>	Deus da Caça e dos Caçadores, sincretizado no Rio com São Sebastião, tem como símbolo um arco e flecha de ferro. Seu arquétipo é de pessoas espertas, rápidas e sempre alertas; generosas e hospitaleiras são amigas da ordem.
<b>Ogum</b>	Deus dos Guerreiros, sincretizado no Rio como São Jorge é quem desfila na frente, abrindo caminho para outros orixás nas cerimônias do Candomblé. Seu arquétipo é de pessoas briguentas e impulsivas que perseguem

	energeticamente seus objetivos com sinceridade e franqueza.
<b>Xangô</b>	Tem como símbolo o machado de duas lâminas lembrando a figura de Zeus na Creta. No Brasil ele é sincretizado com São Bartolomeu, sendo seu arquétipo viril, atrevido, violento e justiceiro, porém elegante e galante também.
<b>Oxum</b>	Divindade das águas doces, é sincretizada na Bahia com Nossa Senhora das Candeias. Seu arquétipo é de mulheres que, sob aparência graciosa e elegante, escondem uma força de vontade vital.
<b>Iansã</b>	Divindade dos ventos e das tempestades. No Brasil é sincretizada com Santa Bárbara. Mulher de Xangô, seu arquétipo é de pessoas audaciosas, poderosas, autoritárias, voluptuosas e sensuais.
<b>Logonudé</b>	É considerado o Orixá dos rios e o Senhor da Pesca, sendo simultaneamente pescador e caçador. Filho de Oxum e Odé, ele carrega em si as energias de seus pais, além da sua própria. No sincretismo religioso, Logonudé está relacionado com Santo Expedito e São Miguel Arcanjo.
<b>Nanã</b>	Orixá relacionada com a origem do homem na Terra e conhecida como a anciã do panteão africano. No sincretismo religioso, Nanã está

	relacionada com Santa Ana, avó de Jesus.
<b>Obaluauê ou Omulu</b>	Deus da Varíola e das Doenças Contagiosas. No Brasil é sincretizado com São Lázaro e São Roque. Seus iaôs dançam revestidos de palha da costa e seu arquétipo é de pessoas com a capacidade de se consagrar ao bem-estar dos outros.
<b>Oxumaré</b>	A serpente e o arco-íris, representa mobilidade e atividade constante. Mensageiro entre o céu e a terra, no Brasil é sincretizado com São Bartolomeu, sendo seu arquétipo de pessoas pacientes e perseverantes que não medem sacrifícios para atingir seus objetivos.
<b>Oxalá</b>	É sincretizado na Bahia como Nosso Senhor do Bonfim, sendo seu arquétipo de pessoas calmas, dignas de confiança, respeitáveis, dotadas de vontade inquebrantável que nada pode influenciar.

Fonte: Verger (2009).

Os umbandistas em seus rituais, de acordo com Saraceni (2017), tocam batuques e cantam cânticos sagrados em português, além de receberem incorporações por meio dos médiuns, das entidades que têm o poder de curar, aconselhar, avaliar e modificar a vida das pessoas.

Segundo Barros (2007), os terreiros constituem, à sua maneira, ponto fixo, “centro do mundo”, um espaço social, mítico, simbólico, em que a natureza e os fiéis se unem para viver uma realidade diferente daquela que o cotidiano ou a sociedade lhes apresenta como o real, na qual as pessoas que o constituem acreditam e é nesse

espaço que se dá a transmissão e aquisição dos conhecimentos da tradição religiosa afro-brasileira.

Os terreiros, segundo Negrão (1993), na maioria dos casos, fazem parte do espaço doméstico, funcionando nas dependências da casa: na sala, em um quarto, na cozinha, no quintal e até em uma área de serviço. Em outros, um espaço especial lhe é reservado, não tendo outra função que a ocorrência das giras. Normalmente, após alguns anos de funcionamento em local doméstico que se transforma em sagrado no momento do ritual, constrói-se um barracão no quintal, um “puxado” lateral junto a parede de casa, ou mesmo um segundo pavimento sobre ela.

Silva (1995 apud BARROS, 2007) relata que se deve considerar os terreiros como “seres vivos” e, portanto, torna-se necessário de tempos em tempos homenagear esses espaços e sacralizá-los com rituais e sacrifícios apropriados (chamados de “dar de comer ao ariaxé”). Explica o autor que essas instalações ao serem sacralizadas passam também a serem tidas como extensões do “axé” proveniente daquelas divindades que receberam as oferendas rituais.

Explica Peixoto (2008), que o espaço do terreiro pode ser dividido entre a ala da assistência, ala dos médiuns (em algumas casas este espaço é chamado de “mesa branca” onde fica o palestrante também), o Congá, ala dos atabaques, “posto mediúnico” que é o local onde são realizadas as consultas, espaço para Exus (encontrado em alguns tipos de casas Umbandistas), em algumas casas há biblioteca (onde ficam livros espiritualistas para empréstimos), espaço onde fica o cambone com as senhas para as consultas, cozinha, espaço para as águas, banheiros e vestuários. Ressalta o autor que o Congá é um local que fica no centro ou no canto dentro do terreiro onde são postas as imagens dos representantes espirituais do culto. É um local de oração e respeito no qual seus seguidores agradecem, reverenciam seus guias e fazem suas preces deixando em alguns casos, uma vela acesa no chão em frente ao Congá.

É válido lembrar o Hino da Umbanda, composto na década de 1960 por um cego, que em busca de sua cura, foi procurar o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Conforme Verger (2009), não conseguiu sua cura pelo fato da cegueira ser cármica, mas ficou apaixonado pela religião. Só é conhecida as iniciais de seu nome J. M. Alvez, o qual apresentou o hino ao Caboclo das Sete Encruzilhadas que gostou tanto e apresentou-o como o Hino da Umbanda, o qual descreve-se a seguir.

## Hino da Umbanda

Refletiu a luz divina  
Com todo seu esplendor  
É no reino de Oxalá  
Aonde há paz e amor  
Luz que refletiu na terra  
Luz que refletiu no mar  
Luz que veio de Aruanda  
Para nós iluminar

A Umbanda é paz e amor  
Um mundo cheio de Luz  
É força que nos dá vida  
E a grandeza nos conduz

Avante, filhos de fé  
Como a nossa lei não há  
Levando ao mundo inteiro  
A bandeira de Oxalá

Levando ao mundo inteiro  
A bandeira de Oxalá  
Refletiu a luz divina  
Com todo seu esplendor  
É no reino de Oxalá  
Aonde há paz e amor  
Luz que refletiu na terra  
Luz que refletiu no mar  
Luz que veio de Aruanda  
Para nós iluminar  
A Umbanda é paz e amor  
Um mundo cheio de Luz

É força que nos dá vida  
E a grandeza nos conduz

Avante, filhos de fé  
Como a nossa lei não há  
Levando ao mundo inteiro  
A bandeira de Oxalá

Levando ao mundo inteiro  
A bandeira de Oxalá

### 3.5 DECLARAÇÕES DE CABOCLO DAS SETE ENCRUZILHADAS

Saraceni (2017) cita em suas páginas 25 e 26, declarações do Caboclo das Sete Encruzilhadas, que como já foi dito, é a entidade que se manifestou em Zélio Fernandino de Moraes, no Rio de Janeiro, mais precisamente no dia 15 de novembro de 1908.

De acordo com o autor, a entidade teria pedido que todos recebessem a religião como uma “revelação divina”. Explicou a entidade que não foi o único fundador da Umbanda no Brasil, sendo apenas um dos muitos espíritos aos quais foi confiado a missão de desvincular tanto do Espiritismo quanto do Candomblé as manifestações de Umbanda Sagrada, pois essas manifestações, no início do século XX eram muito intensas. Nas palavras de Saraceni (2017), a entidade teria revelado que, se foi memorável a sua manifestação no médium Zélio Fernandino de Moraes, muitos outros mentores espirituais da Umbanda na época, já se manifestavam em seus médiuns realizando um trabalho meritório mesmo que discreto, nas mais distantes localidades do Brasil, sede espiritual de todo o astral da religião de Umbanda.

Entre as manifestações de Umbanda que culminaram com a desvinculação da Umbanda do Espiritismo e do Candomblé, a entidade, ainda de acordo com Saraceni (2017) destaca os pais – Pretos Velhos, detentores de méritos divinos diante dos sagrados Orixás; os temidos pajés, pais da terra, que possuíam médiuns de forma estabanada, bravos e carrancudos (como são até hoje). Estes, nas palavras da entidade Caboclo das Sete Encruzilhadas, atraíam aos seus trabalhos pessoas das

mais diversas classes sociais, realizando milagres com seus maracás, suas rezas indígenas e suas receitas infalíveis.

Ainda com relação as manifestações, conforme Saraceni (2017), aparecem os Exus de Lei de Umbanda Sagrada, detentores de méritos diante de Deus, da sua Lei Maior e da sua Justiça Divina, uma vez que são os esgotadores naturais de carmas individuais dentro do Ritual de Umbanda Sagrada.

Carma não é apenas a ação como um fim em si mesmo, mas o conjunto de ações realizados no pensamento, no corpo, na palavra e no espírito de um indivíduo. O carma é também ação universal, ou seja, um equilíbrio de energias para a qual cada ação corresponde a uma reação igual e diferente.

A Lei do Carma nos lembra que estamos aqui em função das almas, e que além do Carma individual existe o Carma coletivo, planetário e que essas energias conduzem a evolução da convivência. Poderíamos pensar que o carma não é como uma desaprovação, que não pode ser mudado, mas com possibilidade de encarar o que ficou sem solução.

O autor cita também que havia muitas outras manifestações espirituais, como as dos mestres do Catimbó, dos Xangôs, das mesas, etc., que aconteciam mais no norte e nordeste do país e que, de acordo com Saraceni (2017), acontecem até hoje, pois prestam um inestimável trabalho de espiritualização de pessoas carentes de todos os níveis sociais e culturais.

Saraceni (2017) lembra que a Umbanda é fundamentada pelos espíritos incorporantes que conquistam a mente e o coração das pessoas, por meio do auxílio espiritual.

O autor salienta que temos na Umbanda conhecimentos herdados nas muitas nações africanas, o que pode se verificar até nos nomes das linhas de trabalhos dos Pretos Velhos como Congo, Angola, Guiné, Keto, Cambinda, Conga, Mina. O conhecimento dos índios, como explica Saraceni (2017), também está presente como Erês, que na maioria, são seres encantados, manipuladores naturais de energias elementares, tendo o poder de mexer com a psique dos médiuns e descontraí-los, aliviando seus subscientes dos problemas diários; Exu, que abre caminho para que este universo magístico se manifeste com segurança.

É interessante destacar, como explica Saraceni (2017), que na religião Umbanda existe uma diversidade de nomes, ou seja, um Orixá é cultuado por diversos nomes.

Até o presente discorreremos de forma rápida sobre a religião Umbanda. Sabemos que o tema é abrangente e inesgotável, sendo nosso intuito ter uma visão geral do mesmo para após adentrarmos no próximo capítulo, objetivo maior desse estudo, que é a fé na Umbanda.

## 4 A FÉ

Conforme Segundo (1985, *apud* AHLERT, 2007), a fé é uma dimensão antropológica inerente a todo ser humano, seja ele cristão, budista, marxista ou secularizado, etc. porque a fé é uma estrutura de valores significativos para a existência humana, que mostra a cada um o que deve fazer e como deve estruturar a sua vida, além de ser um princípio cognitivo que permite distinguir o que é importante para cada um. Ressalta o autor que essa fé antropológica tem a função de dar estrutura significativa à existência humana, hierarquizando valores até atingirem um valor absoluto ao qual todos os demais estão subordinados.

Saraceni (2017) explica que a fé é um dos sete sentidos da vida e sua irradiação estimula nas pessoas os sentimentos de crenças, de confiabilidade, de esperança, de resignação, de tolerância e de fraternidade. O autor destaca que isto é positivo e as pessoas sentem-se fortes o suficiente para resistirem às provações da vida, ao duro aprendizado da realidade do plano material e conseguem manter-se em equilíbrio mental, mesmo quando submetidas a enormes pressões sociais, calamidades ou doenças. “Através da irradiação da fé, Deus nos chega o tempo todo como resignação, paciência e perseverança, sustentando-nos nos momentos difíceis de nossa vida”, argumenta o autor na página 53.

Na visão de Saraceni (2017), Deus além de nos enviar continuamente Sua irradiação estimuladora da fé, também estimula as pessoas no sentido de se congregarem em torno das religiões, pois umas estimulam as outras e criam uma corrente de solidariedade, fraternidade, companheirismo e irmanação, cujo resultado mais eloquente é o refreamento dos instintos e o despertar de uma consciência humanística e universalista.

Na página 33, Saraceni (2017) deixa claro que a religiosidade é muito importante na vida de um ser porque desenvolve no seu íntimo os sentimentos de nobreza, caridade, confiança, perseverança, paciência, resignação, humildade, submissão, respeito, amor e fé. “Logo, devemos estimular a fé nas pessoas quando ainda são crianças, quando é mais fácil amoldarmos sua natureza, sua emotividade, seu caráter, seus anseios e sua psique”.

No âmbito da Psicologia, Maia (2019) declara que a fé e a Psicologia, ao contrário do que muitos pensam, trabalham juntas para o bem estar do ser humano. Segunda a autora, a fé traz credibilidade, ou seja, é acreditar e confiar piamente no

Criador, em Deus; a Psicologia trabalha o movimento das emoções, como elas atuam, o que o ser humano faz e o que não faz.

A autora explica que a Psicologia ajuda no trabalho das emoções, uma vez que trabalha em todo o metabolismo do corpo e ondas cerebrais, reorganizando as ondas e reequilibrando para se sentir mais seguro e confortável, confiando mais em si. A partir disso, ainda conforme Maia (2019), quanto mais equilíbrio emocional, quanto mais fé a pessoa tiver, mais ela atua na sua emoção com equilíbrio.

Lembra-se que segundo as Escrituras, fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, sendo impossível ter fé e duvidar ao mesmo tempo.

A fé se manifesta nas pessoas em pequenos milagres, concedidos pelo seu Criador, seu guia. Fé é força espiritual do seu próprio espírito que vem acompanhada com seu Anjo da Guarda.

Nem todos os umbandistas tem a mesma fé. A fé é um sentimento de uma forte crença, das pessoas que aceitam como verdadeiros princípios da sua religião, é acreditar.

#### 4.1 A FÉ NA UMBANDA

Saraceni (2017) afirma que a Umbanda é uma religião eminentemente espiritista e espiritualizadora, portanto a fé professada pelos seus praticantes, médiuns em sua maioria, exige uma crença forte em Deus e na existência do mundo espiritual que interage o tempo todo com o plano material. O autor destaca que, analogicamente, podemos comparar a crença umbandista com a do Cristianismo, que tem em Deus o Criador Supremo (Olodumarê ou Olorum) e em Jesus Cristo o seu maior mistério (sincretizado com Oxalá).

Saraceni (2017) destaca também que, para entender a fé na Umbanda, é preciso mergulhar fundo em sua essência religiosa, porque, conforme o autor explica, um umbandista convicto não é uma pessoa contemplativa e interage o tempo todo com o mundo espiritual e também com o universo divino. Para o autor, a fé na Umbanda é mais que uma questão de crença. Argumenta que é um verdadeiro ato de fé, pois um umbandista é o meio natural por onde a religião flui com intensidade e mostra-se em toda a sua grandeza e divindade.

Para Peixoto (2017), a fé não é um sentimento que pode ser forçado para dentro do coração, ela cresce naturalmente tal como uma semente. Segundo o autor, todo mundo possui um pouco de fé, por menor que seja.

Saraceni (2017) diz que a Umbanda transcende e torna-se um estado de espírito através do qual são realizadas as sessões de atendimento das pessoas necessitadas de auxílio espiritual e de orientação doutrinária e religiosa.

O autor finaliza, esclarecendo que a fé na Umbanda é mais que uma questão de crença, é um estado de espírito, sendo muito mais que o ato de crer em Deus, constituindo-se no ato de realizar-se Nele, enquanto seres espirituais gerados por Ele, o Senhor Olorum, o nosso Divino Criador (SARACENI, 2017).

#### 4.2 A FÉ NA VISÃO DOS UMBANDISTAS

Sobre a visão dos umbandistas, foram realizadas entrevistas com os médiuns Alpha e Beta, integrantes do Centro Espírita Renascer, situado na cidade de Santa Maria-RS. As entrevistas foram realizadas dentro do próprio Centro Espírita, onde os médiuns relataram que seria o melhor local para conversarem sobre o assunto apresentado.

O médium Alpha, integrante deste Centro Espírita, trabalha há mais de 20 anos com a religião umbandista e incorpora o Preto Velho, Pai Benedito das Almas, recebe também Ogum Beira Mar, Iemanjá, Oxum, Cosme e Damião e Exu – Omulu. Este médium trabalha com as sete linhas da Umbanda.

A médium Beta, também integrante do mesmo Centro Espírita, trabalha com a religião Umbanda há 15 anos. Incorpora o Caboclo Itapuã na Linha de Oxossi, como também Oxum, Preto Velho e Exu. Também trabalha com as sete linhas da Umbanda.

Em relação a fé, o médium Alpha explica que o umbandista crê em um Deus único, Criador de todas as coisas e nas divindades e espíritos que se manifestam trazendo a sabedoria e o amor do mundo espiritual. Para o médium, Deus é o sol, os orixás, guias e entidades são seus raios nos iluminando e aquecendo a alma, dissipando as trevas da ignorância e do desamor. Como os outros autores já citados, o médium destaca que Deus possui vários nomes, entre eles Olodumarê, essência ao amor.

O médium salienta que a fé dos consulentes (pessoas que procuram a umbanda para consultas) é a fé no oculto, naquilo que está escondido no seu ser e

que será revelado pelas entidades que vibram numa dimensão que tem acesso a esse oculto. Sendo assim, segundo o médium, o consulente se entrega para um guia na esperança que o mesmo fale algo que ele não consegue ver por si a fim de resolver os problemas de saúde, familiar, amoroso, financeiro e de trabalho. A fé que Deus vai fazer um milagre na sua vida a partir da benção, passe, limpeza, descarrego, desmanche de demanda, feitiços, magias e perseguições de encarnados e desencarnados fazem parte de alguns rituais praticados na umbanda com o objetivo de uma limpeza espiritual e tirar as energias negativas.

Na visão do médium, o consulente tem fé no poder que Deus dá, através de dons, aos médiuns, os quais manifestam esses dons e o poder de Deus, através da manifestação dos dons e mistérios do guia, ou seja, da entidade incorporada. Explica ainda, que o consulente tem fé na vela que a entidade acende, na sua fala, na cachaça que usa para descarrego e limpeza e também nas oferendas aos orixás que são indicados para a realização de um trabalho, ou seja, de agradecimento ou de pedido de axé. Salaria que o médium tem fé nas entidades que lhe acompanham, no poder da manifestação dos sagrados Orixás, no fluído cósmico que é emitido, canalizado pelo médium através do passe, que com o poder transformador, transmutado das entidades conseguem modificar os polos de energia negativa para positiva, levando a limpeza da áurea, equilíbrio e harmonia dos chacras, quebras de feitiços, magias e demandas feitas no astral, socorro e afastamento de encostos encarnados e desencarnados.

A fé dos umbandistas, de acordo com o médium Alpha, se estende à visão da entidade que enxerga além da matéria física e consegue assim, orientar e aconselhar o consulente a tomadas de atitudes que irá modificar a sua relação e abrir caminhos para a luz nas suas vidas. Declara o médium que o médium umbandista tem fé nas Sete Linhas da Umbanda, vibratórias de amor, conhecimento, geração, justiça, evolução, lei e ordem. Segundo ele, acreditam que trazem uma missão de trabalho na caridade, sendo aparelhos (com seus dons) para os guias que são espíritos de luz da sua família ancestral, onde esses guias (entidades) trabalham no atendimento na sessão de caridade da Umbanda.

Com relação a sua pessoa, o médium Alpha acredita no Anjo da Guarda que lhe dá a proteção, nos seus guardiões que protegem a sua frente, as suas costas, à direita, à esquerda, em cima e embaixo (palavras do médium). Lembrou ainda que o médium acredita e tem fé naquilo que ele vê ou sente, no visível e invisível e na fé que

o consulente traz para juntos, manifestarem boas energias que será usada pelas entidades para os trabalhos espirituais. Explicou também que o médium tem fé na sua família espiritual, trabalhadores de luz, no acolhimento e na proteção que recebe da Casa que o aceita para girar sob a égide da manifestação dos sagrados Orixás.

Finalizando, o médium Alpha acredita que tudo que ocorre no Centro, Terreira, Tenda é sagrado, sendo o Congá o ponto de força de maior conexão de vibração do espaço físico com o Astral.

A médium Beta, integrante do mesmo Centro Espírita, salienta que a fé dos consulentes da Umbanda é a fé no oculto, naquilo que está escondido no seu ser e será revelado pelas entidades que vibram numa dimensão que tem acesso a esse oculto, sendo assim, o consulente se entrega para um guia na esperança de que este fale algo que ele não consegue ver, a fim de que possa resolver seus problemas de saúde, família, dinheiro, trabalho e outros. A médium destaca que o consulente acredita que a fé vai fazer com que Deus faça um milagre na sua vida a partir da benção, passe, limpeza, descarrego, desmanche de demanda, justiça, magia, perseguição de encarnados e desencarnados.

Acredita que ao ser batizada recebeu a ordem astral da Casa para receber o seu guia de frente, o guia adjunto, os 7 chefes das falanges da linha de Oxalá, Iemanjá, Ogum, Xangô, Oxóssi, Pretos Velhos e Cosme e Damião, que esses 7 chefes da falange têm 7 trabalhadores diretos cada um com 7 guardiões e/ou entidades de trabalho totalizando 343 entidades à disposição para o trabalho daquele médium.

A médium também afirma que tem que cuidar da sua aura com banhos energéticos, meditações e elevação moral e ética nas falas, pensamentos, sentimentos, atitudes e que sua vibração irá determinar a vibração e o poder de seu trabalho de caridade.

Finalizando, a médium tem fé na sua família espiritual, trabalhadora da luz, do acolhimento e proteção que recebe da Casa que a aceita para girar, sob a égide da manifestação dos sagrados Orixás.

Observa-se que as colocações dos médiuns são praticamente iguais e que a fé dos umbandistas é inabalável e se processa fundamentada nos seus propósitos de amor ao próximo, ajuda espiritual e caridade, ensinamentos absorvidos através de seus Orixás.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste estudo, acredita-se que a fé é uma espécie de poder que se manifesta nas pessoas sempre que elas se encontram em dificuldades de qualquer tipo ou até mesmo nos momentos em que elas se propõem a trabalhar para atingir uma meta. A fé, esse poder, nada mais é do que a certeza ou a quase certeza de que aquilo que se almeja vai ser concretizado. Pode-se dizer que a fé é a esperança que depositamos em algo como crenças e onde as pessoas buscam confiança, autoafirmação, liberdade e certeza de ter seus problemas resolvidos e ser feliz.

É válido ressaltar que a globalização e a sociedade geram desigualdades, diversidades entre as pessoas tornando-as excluídas e desconfortáveis em seus meios, fazendo com que busquem a fé no sentido de atingirem seus objetivos, ou seja, a solução ou respostas para seus problemas pessoais.

Este estudo demonstrou que qualquer religião aproxima as pessoas e suas crenças ao sobrenatural, pois é na religião com suas práticas e doutrinas que elas buscam superar dificuldades. A experiência de cada um, portanto experiência pessoal, é que dá origem a esse poder, a essa esperança, energia ou sentimento que **se pode** definir como fé e, ter fé, é acreditar em algo ou alguém sem ter que provar nada a esse respeito. Ela se manifesta de várias maneiras e pode estar associada a questões emocionais como conforto em momentos de aflição; pode estar direcionada a uma razão específica como trabalho, saúde e outros ou então, simplesmente existir sem razão alguma.

A Umbanda, religião que tem suas bases de formação nos conceitos, posturas e preceitos cristãos, indígenas e afros possui grande influência no Brasil e chama a atenção pelos seus ritos, divindade e axés. O número de pessoas que a procuram, no sentido de resolver seus problemas é grande, como é também grande a esperança que carregam consigo quando tomam a decisão de frequentar uma Casa Espírita.

Ressalta-se que a Umbanda nos oferece um vasto leque para estudos num contexto geral de sua doutrina e religiosidade. Não nos estendemos pelo fato de nosso objetivo principal constituir-se na fé dos seguidores da Umbanda.

Considera-se que aqueles que seguem a religião Umbanda creem nas forças da natureza, nos Orixás e nas entidades do plano espiritual que utilizam destas forças

para a prática da caridade. Pelo fato de entender-se que a caridade e a fé andam juntas, compreende-se que a fé é o sentimento que move o coração dos umbandistas. Percebe-se também que para a religião Umbanda, como já foi mencionado, a esperança também está ligada a fé, uma vez que a esperança é voltada para as energias que movem as pessoas.

Finaliza-se opinando que fé é um tanto difícil de ser definida, pois acredita-se que cada pessoa processa a sua fé de forma diferente, embora seja ela a engrenagem que movimenta as religiões.

Reitera-se que a religião Umbanda apresenta enormes temas para estudo, motivo pelo qual deixa-se este trabalho em aberto, no sentido de que alguém queira complementá-lo ou até mesmo entender essa maravilhosa e mágica religião, colaborando assim com a sua função espiritualizadora e caritativa.

Fé, no meu entendimento, posso considerar finalmente, é deixar as coisas fluírem, com a certeza de que o nosso Pai maior, tudo sabe e tudo vê; é acreditar e crer Nele sempre, pois Ele sempre sabe o que precisamos e o que queremos. Devemos deixar tudo nas mãos Dele, não cai uma folha da árvore sem a sua permissão.

A fé de cada pessoa não tem uma dimensão, pois somente quem acredita e vai buscar os seus objetivos sabe como buscar e lutar por ela.

## REFERÊNCIAS

AHLERT, Alвори. A fé antropológica como ponte entre fé e ideologia em Juan Luis Segundo. **Teología y Vida**, v. 54, p. 321-36, 2007.

ALMEIDA, Silvio Luis de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARAÚJO, Edimar. **Candomblé: origem, significado e funcionamento**. 2017. Disponível em: <http://www.afreaka.com.br/notas/candomble-oriegm-significado-efuncionamento/>. Acesso em: 02 fev. 2023.

AZEVEDO, Janaina. **Tudo que você precisa saber sobre Umbanda**. São Paulo: Universo dos Livros, 2010.

BACHLER, Jean. Religião. In: BOUDON, Raymond (Org.) **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 483.

BARROS, Sullivan Charles. Geografia mítica da umbanda: usos e apropriações simbólicas dos espaços urbanos. **Espaço & Geografia**, v. 10, n. 1, 2008.

BRASIL DE FATO. **Denúncias de intolerância religiosa aumentaram 56 no Brasil em 2019**. Balanço Disque 100 – Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2020/01/21/denuncias-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-56-no-brasil-em-2019>. Acesso em 11 jan. 2023.

BRASIL. Assembleia Nacional Constituinte. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Imprensa do Senado, 1988.

DATAFOLHA. **50% dos brasileiros são católicos, 31% evangélicos e 10% não tem religião**. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/01/13/50percent-dos-brasileiros-sao-catolicos-31percent-evangelicos-e-10percent-nao-tem-religiao-diz-datafolha.ghtml>. Acesso em: 08 nov. 2022.

GIUMBELLI, Emerson. Zélio de Moraes e as origens da umbanda no Rio de Janeiro. In: SILVA, V. G. (Org.) **Caminhos da alma: memória afro-brasileira**. São Paulo: Summus, 2002. p. 183-217.

MINAYO, Maria Cecília (Org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 13. ed. São Paulo: Vozes, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo 2010**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/> Acesso em: 12 nov. 2022.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a Cruz e a Encruzilhada**. São Paulo: EdUSP, 1993.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância Religiosa**. São Paulo: Pólen, 2020.

PEIXOTO, Norberto. **Umbanda pé no chão**: Um guia de estudos orientado pelo espírito Ramatís. São Paulo: Editora do Conhecimento, 2008.

PEIXOTO, Norberto. **O magnetismo na casa umbandista**: a saúde integral do ser. Porto Alegre: Besouro Box, 2017.

RIBEIRO, Fernanda Mendes Lages; MINAYO, Maria Cecília de Souza. O papel da religião na promoção da saúde, na prevenção da violência e na reabilitação de pessoas envolvidas com a criminalidade: revisão de literatura. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 19, n. 6, p. 1773-89, 2014.

RIBEIRO, Josenilda Oliveira. **Sincretismo religioso no Brasil**: uma análise histórica das transformações no catolicismo, evangelismo, candomblé e espiritismo. Universidade Federal de Pernambuco, Recife/PE, 2012

ROCHA, Carolina. Racismo religioso. **Religião e Poder**, São Paulo, 23 mar. 2022. Disponível em: <https://religioepoder.org.br/artigo/racismo-religioso/> Acesso em: 01 fev. 2023.

SARACENI, Rubens. **Doutrina e teologia da umbanda sagrada**: a religião dos mistérios. São Paulo: Madras, 2017.

SARACENI, Rubens. **Os arquétipos da Umbanda – As hierarquias espirituais dos Orixás**. São Paulo: Madras, 2019.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Candomblé e Umbanda**: caminhos da devoção brasileira. 5 ed. São Paulo: Seleto Negro, 2005.

SOMAIN, René. **Religiões no Brasil em 2010**. CONFINS, Revista Franco-Brasileira de Geografia, N. 15. Disponível em: <https://journals.openedition.org/confins/7785?lang=pt>. Acesso em: 11 jan.2023.

SOUSA, José Adauto Cunha. A importância da religião para a vida das pessoas. **O Estado**, 26 mar. 2020. Disponível em: <https://oestadoce.com.br/opiniao/a-importancia-da-religiao-para-a-vida-das-pessoas/> Acesso em: 12 dez. 2022.

UNASUS. **Organização Mundial de Saúde declara pandemia do novo Coronavírus**. Disponível em: <https://www.unasus.gov.br/noticia/organizacao-mundial-de-saude-declara-pandemia-de-coronavirus> Acesso em: 12 de jan. 2022.

VERGER, Pierre. **O significado dos Orixás**. 2009. Disponível em: <http://memorial.org.br>. Acesso em: 12 nov. 2022.

WEISS, Raquel. Durkheim e as formas elementares da vida religiosa. **Debates do NER**, Porto Alegre, ano 13, n. 22, p. 95-119, jul./dez. 2012.

WEISS, Raquel. **Efervescência, dinamogenia e a ontogênese social do sagrado**. MANA 19(1): 157-179, PPGAS/Museu Nacional/UFRJ, Rio de Janeiro, 2013.